

Índios que não bebem E obedecem Aos mais velhos

De Vinicius Bossle e Alceu Feijó
(Segunda de uma série)

TRÊS COROAS — Indaiá é o chefe, mas seu filho, que na tribo se chamava Fanabrá, de 46 anos, desempenado e forte de cabeleira preta e vasta, é quem executa suas decisões.

É impressionante a sabedoria desses guaranis civilizados, cavaleiros e nômades, que se reuniram há um mês, mais ou menos, no município de Canela, cerca de 400 pessoas representando 60 famílias, e mais de 700 animais de sela e cargueiros.

Na impossibilidade de se deslocarem unidos, por causa do problema de trato aos animais, de vez que para alimentar 700 cavalos e mulas seria preciso uma fazenda inteira, eles se dividiram em pequenos grupamentos de 10 a 20 indivíduos e 20 a 40 animais, procurando as estradas das colônias desde Sander, Serra Grande, Pinhal Alto, Herval, Joaneta e outras povoações, com o propósito de se reunirem todos na cidade de Caxias do Sul.

Assim, não dispendo de recursos para comprar o milho ou a alfafa, conseguem licença para ficar de 2 a 5 dias com os animais nos poteiros dos colonos mais acessíveis às suas necessidades, dando em troca ervas e raízes medicinais que conhecem, e que curam, segundo eles, todas as espécies de enfermidades.

Também vendem as ervas e raízes, onde obtêm algum recurso. Mas seu principal comércio é a compra e venda de cavalos, mulas e burros. Contou Indaiá que cada família percebe do governo 150 cruzeiros novos por mês, mas que há seis meses que não recebem este auxílio. O dinheiro é retrado pelo cacique, que o distribui, religiosamente, entre as famílias.

POUCO SAL E MUITO POUCO ALCÓOL

Uma das coisas que estranhamos foi não encontrar nenhum dos homens do grupamento sob o efeito do álcool, como é frequente entre os nossos índios gaúchos e catarinenses.

Indaiá, disse que os homens mais velhos não bebem, e que os moços às vezes dão um pouco

de trabalho, pois "para se exibir" tomam caçapa quando os civilizados lhes oferecem, principalmente nos "bolches" da fronteira. Mas quando um rapaz aparece bêbado, o chefe do grupo procura a autoridade policial e pede-lhe que prenda o índio até curar o "porre", e tal costume se tem revelado muito eficiente para evitar que os componentes da tribo que saiu de Dourados, em Mato Grosso, se vicem no álcool.

Usam muito pouco sal na alimentação, que hoje se constitui no típico cardápio da fronteira: feijão, arroz, carne e farinha.

Sobre o sal, diz Indaiá que foi muito difícil se acostumar com ele, e quando saíram de Dourados passaram fome, e só a insistência dos chefes, que procuraram cumprir rigorosamente o plano de civilização da tribo, ob-

teve sua incorporação na comida.

OBEDECEM AOS VELHOS

A idade de Indaiá, 78 anos, não é considerada alta entre os índios nômades, e só quando o indivíduo passa de 100 anos é que figura no conselho de anciães.

Conservando alguns costumes sadios da tribo, como o respeito e a obediência aos mais velhos entre eles, isto tem permitido a sobrevivência de sua organização como tribo, certa disciplina e uma conduta que sempre é ditada pelos anciães.

Aliás, no breve contato com o grupamento chefiado por Indaiá, sentimos que este, mesmo não estando à testa dos negócios do grupo, que são conduzidos por seu filho mais velho, é, realmen-

te, o chefe, que a todo momento é consultado.

De igual forma é respeitosa a maneira como eles falam do "cacique velho", o Pedro Gonzaga, que está em São Borja, e que organiza suas andanças e diz que em determinada data eles devem se reunir em tal cidade.

Chegados a qualquer vila ou cidade, os índios procuram logo a autoridade policial, apresentando seus documentos e solicitando licença para permanecer no lugar.

Para qualquer acampamento pedem licença aos moradores locais, não furtam, são respeitosos no trato com o povo e se esforçam para agradar.

Sabem que são uma espécie de espetáculo, principalmente nos lugares pequenos, e exploram um pouco esta natural curiosidade humana para obter a simpatia e a boa vontade do povo.